

CENTRO UNIVERSITÁRIO SAGRADO CORAÇÃO

MIRELE GIACOMINI

A FOME NAS CRÔNICAS DE CLARICE LISPECTOR

BAURU

2021

MIRELE GIACOMINI

A FOME NAS CRÔNICAS DE CLARICE LISPECTOR

Monografia apresentada à Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-graduação do Centro Universitário Sagrado Coração como resultado da pesquisa de Iniciação Científica desenvolvida no período de 01/08/2020 a 24/10/2021.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Eduardo dos Santos Zago.

BAURU

2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

G429f	Giacomini, Mirele A fome nas crônicas de Clarice Lispector / Mirele Giacomini. -- 2021. 45f. Orientador: Prof. Dr. Carlos Eduardo dos Santos Zago Monografia (Iniciação Científica em Letras Português e Inglês) - Centro Universitário Sagrado Coração - UNISAGRADO - Bauru - SP 1. Clarice Lispector. 2. Fome. 3. Crônica. 4. Literatura-Brasileira. I. Zago, Carlos Eduardo Dos Santos. II. Título.
-------	---

A todos que encontraram na literatura
uma possibilidade e aos meus pais, que
sempre lutaram.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a meus pais pelo constante apoio e por bravamente suportarem as noites insones.

Agradeço às meninas-mulheres que, dia após dia, ouviram-me, apoiaram-me, conformaram-me e acompanharam de perto o desenvolvimento deste projeto; sem vocês nada disso teria sido possível.

Agradeço ao meu orientador, Prof. Dr. Carlos Eduardo dos Santos Zago, por acreditar no projeto, pelo diálogo contínuo e pelas possibilidades levantadas.

Agradeço ao Centro Universitário Sagrado Coração (UNISAGRADO) por proporcionar o desenvolvimento desta pesquisa.

“O BICHO

Vi ontem um bicho
Na imundície do pátio
Catando comida entre os detritos.

Quando achava alguma coisa,
Não examinava nem cheirava:
Engolia com voracidade.

O bicho não era um cão,
Não era um gato,
Não era um rato.

O bicho, meu Deus, era um homem”

(BANDEIRA, 1993, p. 283-284)

RESUMO

A escritora brasileira Clarice Lispector tornou-se reconhecida por sua escrita única. Escreveu romances, livros infantis, contos e crônicas que abordam desde situações cotidianas até temas de cunho metafísico e social. Dentre as temáticas privilegiadas por Lispector, observou-se, em suas crônicas, a presença da fome de forma recorrente. Desse modo, e considerando também os poucos estudos encontrados sobre o tema dentro da *fortuna crítica* da autora, a presente pesquisa analisou dez crônicas de Clarice Lispector que apresentam a fome em sua narrativa, dando ênfase a uma perspectiva social para compreender os elementos que compõem essa problemática dentro desses escritos, assim como os recursos formais que lhes estrutura e seus possíveis significados para a produção literária da escritora. Para tanto, além da análise dos dez textos, foi utilizada como metodologia a pesquisa bibliográfica em livros, artigos científicos e revistas literárias.

Palavras-chave: Clarice Lispector. Fome. Crônica. Literatura-Brasileira.

ABSTRACT

Brazilian writer Clarice Lispector has become recognized for her unique writing. She has written novels, children's books, short stories, and chronicles that range from everyday situations to metaphysical and social themes. Among the topics privileged by Lispector, it was observed, in her chronicles, the recurrent presence of hunger. Therefore and also considering the few studies found on the subject within the critical fortune of the author, this research analyzed ten chronicles by Clarice Lispector that present hunger in their narrative, emphasizing a social perspective to understand the elements that compose this problem within these texts, as well as the formal resources that structure them and their possible meanings for the writer's literary production. For this purpose, besides the analysis of the ten selected chronicles, bibliographic research in books, scientific articles, and literary magazines was used as a methodology.

Keywords: Clarice Lispector. Hunger. Chronicle. Brazilian literature

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	8
2. MATERIAIS E MÉTODOS.....	14
3. RESULTADOS E DISCUSSÕES	16
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
REFERÊNCIAS.....	42
ANEXO A – Clarice Lispector na passeata dos Cem Mil.....	45

1. INTRODUÇÃO

A questão da fome no Brasil há muito vem sendo discutida pela literatura brasileira, principalmente com o início do Modernismo na primeira metade do século XX. O movimento, que pregava uma expressão artística com foco na realidade e na cultura brasileira, favoreceu a publicação de obras que relatavam não só as riquezas do país, mas também as mazelas. E se, antes, o Realismo (1881 – 1893) proporcionou o surgimento de livros como *O cortiço*, de Aluísio Azevedo, o Modernismo deu voz a grandes nomes da literatura nacional na denúncia da miséria e da fome, como Raquel de Queiroz, autora de *O Quinze* (1930), e Graciliano Ramos, escritor de *Vidas Secas* (1938).

No entanto, embora essas questões já fossem abordadas pela literatura, foi só na década de 40, com a primeira conferência convocada pela Organização das Nações Unidas (ONU) para tratar das consequências das guerras mundiais e com a publicação de *Geografia da Fome*, escrito pelo médico e geógrafo Josué de Castro, que a fome começou a ser amplamente discutida em outras áreas. Segundo Adas (2004), essa problemática só ganhou força em âmbito governamental nos anos 80, após o processo de redemocratização do país. Todavia, um plano nacional de combate à fome só começou a ser estruturado na década de 90.

Percebe-se que as discussões em torno do tema levaram anos para serem ampliadas e consideradas de responsabilidade do Estado e, não por acaso, isso só ocorreu após um período de crescimento no número de pessoas em situação de miséria no país. Foi justamente nessa época, entre as décadas de 60 e 80, que a escritora brasileira Clarice Lispector escreveu suas crônicas.

Segundo Gotlib (1995), Lispector nasceu na Ucrânia em 10 de dezembro de 1920. A data é também mencionada pela escritora em carta enviada, em 1942, ao presidente da república Getúlio Vargas, em razão da solicitação de sua naturalização como brasileira. A escritora chegou ao Brasil junto com sua família em 1921, quando fugiam da fome e da guerra civil que devastava o território ucraniano. Em 1940, cursou a faculdade de direito e entrou para a atividade jornalística ao compor, como redatora, o quadro de colaboradores da agência de notícias brasileira: *Agência Nacional*. Trabalhou como cronista para jornais e revistas por um período de quase dez anos, sete deles, de 1967 a 1973, como funcionária do *Jornal do*

Brasil, importante veículo de imprensa localizado na cidade do Rio de Janeiro. Dentre os temas trabalhados pela autora em seus mais de 500 textos publicados, destaca-se a presença frequente da temática da fome.

Na crônica “As crianças chatas”, de 1967, que marca o início do trabalho da escritora como cronista, Clarice Lispector escreve: “Não posso. Não posso pensar na cena que visualizei e que é real. O filho está de noite com dor de fome e diz para a mãe: estou com fome, mamãe. Ela responde com doçura: dorme” (LISPECTOR, 2018, p. 11). O tema se repetirá em outros textos nos anos seguintes, como em “Daqui a vinte e cinco anos”, “As caridades odiosas” e “Fartura e carência”, ganhando traços que ora a aproximam do psicológico ora do metafísico. Mas, segundo Martins (2010, p.24), que analisou o assunto em contos de Clarice Lispector, na obra da autora “a ‘fome’ – experiência subjetiva, metafísica e existencial, destino e condição – ganha também nítidos contornos sociais [...]”.

Dessa forma, a frequência da questão nos escritos de Clarice Lispector e os aspectos sociais que podem ser observados nesses textos apontam certa preocupação da autora com a fome. Ademais, a escolha de Lispector em utilizar as crônicas para tratar do tema pode decorrer tanto de uma maior liberdade e facilidade de escrita quanto da possibilidade de alcançar um número considerável de leitores, já que o público não ficaria restrito àqueles que liam seus romances.

Para melhor compreender a opção de Lispector, é necessário conceituar a crônica como gênero literário. Para Sá (1992), trata-se de um texto curto, publicado em jornais ou revistas, que se debruça sobre situações cotidianas e que pode conter humor, ironia ou crítica social. Sua linguagem mais simples não deixa de ser mobilizada para cativar o leitor, permitindo que o cronista explore as possibilidades da língua, e que atinja, em certos casos, o lirismo. Embora ela não seja considerada um gênero maior, segundo Candido (2003), é em sua constatação como gênero menor – de tamanho e não de conteúdo – que reside sua importância:

“Graças a Deus”, - seria o caso de dizer, porque sendo assim ela fica perto de nós. E para muitos pode servir de caminho não apenas para a vida, que ela serve de perto, mas para a literatura [...]. Por meio dos assuntos, da composição aparentemente solta, do ar de coisa sem necessidade que costuma assumir, ela se ajusta à sensibilidade de todo dia. Principalmente porque elabora uma linguagem que fala de perto ao nosso modo de ser mais natural. Na sua despretensão, humaniza; e esta humanização lhe permite, como compensação sorrateira, recuperar com a outra mão uma certa profundidade de significado e um certo acabamento de forma, que de repente podem fazer dela uma inesperada embora discreta candidata à perfeição [...]” (CANDIDO, 2003, p.89)

A crônica assume características de composição que a aproximam da pessoa que a lê, permitindo que esta enxergue nela um texto capaz de falar diretamente consigo. Lispector percebia essa aproximação. Na crônica “Adeus, vou-me embora!”, há o seguinte trecho: “Escrevi nove livros que fizeram muitas pessoas me amar de longe. Mas ser cronista tem um mistério que não entendo: é que os cronistas, pelo menos os do Rio, são muito amados [...] Sinto-me tão perto de quem me lê” (LISPECTOR, 2018, p. 98). Esse fator, junto à combinação de outros atributos estilísticos, como a linguagem mais livre, personagem e espaço, permitem que ela se torne uma forte expressão de denúncia. Arrigucci (1987) diz que na crônica residem as possibilidades de penetração psicológica e social que a tornam uma forma de conhecimento da história e da realidade de determinado período – mesmo que ficcionalizada. Ainda de acordo com o autor:

[a crônica] [...] sobretudo a partir da Revolução de 30, atingia, por essa via simples, também a consciência do grande público dos jornais. Seguindo a tendência do momento e de outros gêneros, a crônica se convertia num meio de mapear a descobrir um país heterogêneo e complexo, largamente desconhecido de seus próprios habitantes, caracterizado pelo desenvolvimento histórico desigual, de modo que o processo de modernização podia ser acompanhado pelos contrastes entre bolsões de prosperidade e vastas áreas de miséria, e o próprio mundo moderno parecia nascer da mistura com traços remanescentes de velhas estruturas da sociedade tradicional” (ARRIGUCCI, 1987, p. 63).

Desse modo, a crônica pode se transformar em um recorte do contexto histórico-social da época em que foi escrita, assumindo papel de relevância na divulgação e discussão de temas caros à sociedade, além de conferir à efemeridade das situações cotidianas a possibilidade da universalidade, e assim fez Lispector ao escrever diversos textos que abordavam a situação do Brasil, dentre seus temas aparecem educação, mercado de trabalho e, claro, a fome.

No entanto, embora ela tenha trabalhado tanto tempo como cronista, não se via como tal. Em carta, publicada no livro *Todas as cartas*, escrita ao também escritor João Cabral de Melo Neto, em março de 1971, Lispector afirma: “[.] são minhas crônicas, muito fracas porque não dou para cronista, faço isso para ganhar dinheiro” (LISPECTOR, 2020, p. 767). Suas inseguranças em relação ao trabalho também são descritas na crônica “Ser cronista”, de 1968, na qual apela a Rubem Braga: “Sei que não sou, mas tenho meditado ligeiramente no assunto. Na verdade

eu deveria conversar a respeito com Rubem Braga, que foi o inventor da crônica” (LISPECTOR, 2018, p. 118) Além disso, outro fator a incomodava em relação às publicações nos jornais, segundo Gotlib (1995), Clarice Lispector preocupava-se com a possibilidade de expor-se demais:

Quem era essa narradora? Em princípio, era Clarice Lispector, que assim assinava os seus textos. E que problematizava o “eu” que escrevia. Agora, envolvida por uma preocupação, a do risco da *pessoalidade*. [...] E isso lhe desagradava [...] (GOTLIB, 1995, p. 374).

Assim, dentre os aspectos que a indispunham estava principalmente a *pessoalidade* dos textos. Tanto a forma de escrita e o veículo de publicação quanto a frequência das crônicas facilitavam a transposição de elementos do universo pessoal para o profissional. Pode-se citar como exemplo “Dies Irae”, na qual existe a menção de uma estadia de três meses no hospital para se recuperar de um incêndio: “[...] Lembro-me: era uma desconhecida, que um dia apareceu no hospital, durante os quase três meses onde passei para me salvar do incêndio” (LISPECTOR, 2018, p. 30). É possível ligar o fato descrito a vida de Lispector que, segundo Moser (2017), sofreu queimaduras em um incêndio em seu apartamento na década de 60: “Clarice teve de ficar no hospital por três meses, passando por cirurgia, enxerto e fisioterapia [...]” (MOSER, 2017, p. 357).

Apesar da posição da autora em relação a essa parte de sua produção literária, é inegável que as crônicas de Clarice Lispector são de uma beleza ímpar e de uma crueza desconcertante. Os textos, como já mencionado anteriormente, abordam diversos aspectos ligados as situações cotidianas, sejam elas relacionadas a vivência da própria escritora ou a acontecimentos do país – que não deixam de estar contaminados pela experiência subjetiva de Lispector. Ademais, a cronista subverte a aparente simplicidade da escrita e cria crônicas complexamente trabalhadas em sua forma e estilo. Tais características, quando reunidas, dão origem a uma obra singular, que assombra em conteúdo e recursos estilísticos.

É importante frisar que muitas das crônicas publicadas podem ser consideradas pequenos fragmentos de textos futuros, haja vista a tendência da escritora em reutilizar seus trabalhos. Alguns textos inicialmente veiculados no *Jornal Brasil* mais tarde apareceram em coletâneas sob a nomeação de contos; outros tiveram sua temática e aspectos de construção narrativa repetidos em

crônicas posteriores, como é o caso da fome que aparece em diversos escritos que, em certos casos, apresentam semelhanças entre si – embora nunca sejam iguais.

A fome parece ser um assunto tão importante para Clarice Lispector que estudá-lo parece algo inevitável. Aliás, o tema é de extrema importância, não só para a época em que os textos foram escritos, mas também para o atual momento econômico e social do Brasil, visto que muitos dos escritos que abordam a carência de alimentos ainda dialogam com a situação de milhares de brasileiros, como demonstram os dados sobre a insegurança alimentar no país, divulgados nos últimos anos.

No Brasil, 2,5% da população encontra-se em situação de subalimentação, segundo pesquisa realizada pela Organização das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura (FAO), entre os anos de 2015 e 2017. O número que à primeira vista parece irrisório – principalmente se comparado aos 4,6% de anos anteriores (2004 a 2006) -, ganha proporções astronômicas ao se converter o dado para a proporção numérica: cerca de cinco milhões de pessoas (FAO, 2020). Em dados mais recentes, divulgados no ano passado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e que abrangem os anos de 2017 e 2018, o número de brasileiros em situação de insegurança alimentar grave é de 10,3 milhões. Vale ressaltar que o IBGE só engloba em sua pesquisa pessoas com domicílio permanente, isto é, aqueles que se encontram em situação de rua não estão incluídos nos números apresentados (IBGE, 2020).

Frente a tais dados, fica clara a necessidade de se expandir as discussões sobre a questão da fome no Brasil para as mais diversas áreas de conhecimento. Tendo isso em vista, é inegável a importância da literatura nesse processo. Para Candido (1976), escritor e literatura possuem vínculo com a sociedade, tornando-se meio para exprimir as necessidades desta, uma vez que a obra não se desvincula do contexto em que foi criada. Desse modo, para compreender um texto é preciso analisá-lo, “[...] fundindo texto e contexto numa interpretação dialeticamente íntegra [...]” (CANDIDO, 1976, p. 4).

Considerando o exposto por Candido, as crônicas de Clarice Lispector que abordam a fome em sua narrativa podem constituir um interessante objeto de estudo para se pensar o Brasil, principalmente em relação ao período em que foram escritas - mas não somente. Além do mais, as obras de Lispector apresentam

sempre um complexo trabalho com a linguagem, e sua elaboração parece sempre contribuir para a construção do sentido no texto. Assim, tenta-se responder: como a forma empregada pela autora auxilia no desenvolvimento da temática da fome nas crônicas e o que a análise desses elementos podem dizer?

Considerando essa indagação, esta pesquisa objetivou analisar as crônicas de Clarice Lispector que expõem a fome em sua narrativa, partindo-se dos seguintes objetivos específicos:

1. Analisar, sobretudo, os aspectos sociais que compõem os textos;
2. Identificar nas crônicas de Clarice Lispector os elementos sociais e estilísticos que possam ajudar a pensar a questão da fome no Brasil, bem como sua representação nos textos da escritora;
3. Refletir sobre a relevância das crônicas de Clarice Lispector para a fortuna crítica da autora.

2. MATERIAIS E MÉTODOS

O estudo realizado ao longo da elaboração da pesquisa foi dividido em três etapas. O primeiro dos passos foi a coleta de dados bibliográficos em livros, artigos científicos, teses e revistas, sendo que as obras pesquisadas podem ser divididas em três categorias principais: aquelas que se debruçam sobre o estudo da crônica, as que possuem como objeto de interesse a fome e as que estão ligadas a Clarice Lispector, sua escrita e seus livros.

Na primeira categoria, foram estudados e utilizados como embasamento teórico o ensaio intitulado “A vida aos rés-do-chão”, de Antonio Candido, disponível na coletânea *Para gostar de ler: crônicas*, de 2003, o texto “Fragmentos sobre a crônica”, de Davi Arrigucci, encontrado no livro *Enigma e comentário*, e *A crônica*, de Jorge de Sá.

Já sobre a temática da fome, foi lido o livro *Geografia da Fome*, escrito por Josué de Castro. Além disso, foi estudada a obra *A fome: Crise ou escândalo*, de Melhem Adas, que levanta e discute essa problemática e suas consequências no Brasil, apresentando desde suas causas até os fatores culturais relacionados à alimentação no país e os programas governamentais desenvolvidos para seu combate.

Ademais, foi examinado também *Raízes da Fome*, de 1985, livro organizado por Maria Cecília de Souza Minayo, e que reúne dezessete palestras realizadas por profissionais da geografia, saúde, educação, economia e sociologia, em 1983, em razão da Semana Josué de Castro. O evento, que ocorreu na Pontifícia Universidade Católica (PUC) de São Paulo, teve como objetivos homenagear o geógrafo e médico Josué de Castro e reavivar as discussões acerca do problema da miséria e da fome no Brasil, dando ênfase às décadas de 60 e 70.

Quanto aos trabalhos que tratam da vida e obra de Clarice Lispector, há uma quantia maior de textos lidos e consultados até o momento, portanto serão citados resumidamente apenas três de grande importância. O primeiro é uma biografia de Lispector, chamada *Clarice. Uma vida que se conta*, desenvolvida pela professora Nádia Gotlib. O segundo livro é *Estátuas invisíveis: experiências do espaço público na ficção de Clarice Lispector*, de 2010, escrito pelo também professor Gilberto Figueiredo Martins. A terceira obra é a da tese de doutorado de Joyce Alves,

apresentada ao Programa de Pós- Graduação em Letras da Universidade Estadual de Londrina, em 2017, intitulada *Ao belo cabe prender o cisco: a cronista perceptora na parresía de Clarice Lispector*. Nela há um subitem sobre a fome nas crônicas de Clarice Lispector.

Partindo da pesquisa bibliográfica, foi realizada a análise dos textos selecionados, estes que abordam a fome direta ou indiretamente e foram publicados no *Jornal do Brasil*, de 67 a 70, sendo eles: “As crianças chatas” (1967), “Daqui a vinte e cinco anos” (1967), “Dies Irae” (1967), “A entrevista alegre” (1967), “Morte de uma baleia” (1968), “Fartura e carência” (1968), “As caridades odiosas” (1969), “Teosofia” (1969), “Eu tomo conta do mundo” (1970) e “A crise” (1970).

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

A primeira obra de Clarice Lispector, *Perto do Coração Selvagem* (1943), recebeu, no ano de seu lançamento, crítica do professor e crítico literário Antonio Candido. Em seu texto, ele considera que se trata de “[...] uma *performance* da melhor qualidade” (CANDIDO, 1970, p.128), que se sobressai pelo estilo e pela densidade.

A escritora chama atenção por sua linguagem e passa, obra após obra, a galgar seu espaço na literatura nacional, consolidando-se como uma das grandes escritoras do país. Sua escrita transcende os limites da linguagem e revela uma capacidade de fazer transparecer, por meio das palavras, o mais íntimo da alma e da mente humana. Faz-se, desse modo, uma autora de textos densos, polissêmicos e repletos de nuances. No entanto, é com a escrita de crônicas que Lispector mais se revela ao público, tanto como pessoa quanto como escritora.

“As crianças chatas” foi publicada em 19 de agosto de 1967, no *Jornal do Brasil*, junto com três outros textos da autora. É deveras interessante que Clarice Lispector tenha escolhido justamente um escrito que traz a temática da fome de forma tão crua para abrir seu trabalho como cronista, expondo logo de início sua óbvia preocupação com o tema que, posteriormente, apareceria em muitas de suas obras - inclusive em *A hora da estrela*, de 1977, derradeiro romance reconhecido por abordar temáticas sociais.

O texto de “As crianças chatas” é curto, composto, não por acaso, de apenas um parágrafo, pois revela por meio de sua estrutura a urgência da fome: tão rápida quanto a crônica é a necessidade de se olhar para a miséria e, principalmente, de se criar as condições para que essa parcela da população possa ter acesso à alimentação adequada. Além disso, a crueza com que os acontecimentos são descritos aproxima-se da sensação de choque que uma cena como essa traz - ou deveria trazer - ao ser presenciada:

Não posso. Não posso pensar na cena que visualizei e que é real. O filho está de noite com dor de fome e diz para a mãe: estou com fome, mamãe. Ela responde com doçura: dorme. Ele diz: mas estou com fome. Ela insiste: durma. Ele diz: não posso, estou com fome. Ela repete exasperada: durma. Ele insiste. Ela grita com dor: durma, seu chato! Os dois ficam em silêncio no escuro, imóveis. Será que ele está dormindo? – pensa ela toda acordada. E ele está amedrontado demais para se queixar. Na noite negra os dois estão despertados. Até que, de dor e cansaço, ambos cochilam, no

ninho da resignação. E eu não aguento a resignação. Ah, como devoro com fome e prazer a revolta (LISPECTOR, 2018, p. 11).

A narração em primeira pessoa não é fundamental apenas para transmitir a sensação de imediatismo provocada pela crônica, mas também para revelar a posição da narradora em relação à mãe e à criança. A narradora observadora vê a cena distanciada - mas ao mesmo tempo próxima, posto que se liga a ela por uma espécie de compaixão e repulsa - e a narra de modo a conduzir o olhar do leitor até essas figuras, fazendo com que este também adote uma posição de observação quanto aos fatos descritos. Nota-se ainda que, ao contar os acontecimentos visualizados, utiliza-se do discurso indireto livre, numa tentativa de aproximação com a personagem.

Desse modo, é possível observar já na primeira crônica uma característica que está presente em todos os outros textos selecionados: a visão burguesa acerca da situação da fome. Embora Clarice Lispector tenha usado de seus escritos para relatar a miséria, faz isso do ponto de vista de uma pessoa que não a vivencia – embora comente sobre ela de forma muito pessoal. Tal familiaridade com a questão explica-se pela aproximação de Lispector com a possibilidade da fome, haja vista que sua família deixou a Ucrânia, seu país de nascimento, numa tentativa de escapar da pobreza que o devastava (GOTLIB, 1995). No Brasil, estabelecem moradia em Recife, local que faria de palco para muitas de suas personagens, e onde deparar-se-ia com a desigual social:

A perplexidade diante da “tragédia social” originada da incômoda combinação de modernização e exclusão social, na cidade do Recife, durante os anos 20/30, marca *o modo de ver* da menina Lispector, que viria a se tornar advogada com o intuito de reformar o sistema penitenciário do país. Seu campo de atuação acabou sendo, entretanto, a literatura, mesmo consciente de que seu ofício em nada contribuía para alterar tais descompassos e desigualdades (MARTINS, 2010, p. 23).

Apesar de seu trabalho como escritora não implicar diretamente em alterações sociais, Lispector não deixou de fazê-lo, da mesma forma que não cessou de levar para as suas obras as figuras que via pelas ruas da capital pernambucana. Na crônica “Literatura e Justiça”, a autora escreve que os mocambos¹ de Recife foram a primeira realidade para ela e acrescenta: “Muito antes

¹ Espaços destinados à moradia dos marginalizados socialmente. Gilberto Freyre, em *Casa-grande & senzala*, usa o termo para referir-se aos quilombos (FREYRE, 2003, p. 108).

de sentir ‘arte’, senti a beleza profunda da luta” (LISPECTOR, 2018, p.650). Logo, as demandas sociais não eram desconhecidas para a escritora.

Entretanto, seu contato com a temática não a coloca como parte dessa realidade, visto que as situações experienciadas por Lispector diferem – e muito – da miséria e pobreza extremas encontradas pelo país e relatadas pela literata em suas crônicas: Clarice Lispector, como mencionado anteriormente, faz parte da classe burguesa e, como tal, vivencia o mundo sob um manto de privilégios. Ademais, é necessário levar em consideração outro dado que define e delimita a posição da escritora na sociedade, além de evidenciar seu distanciamento das personagens famintas: o seu pertencimento ao grupo dos intelectuais. Em *A hora da estrela*, último livro publicado por ela em vida, Lispector discute o papel do intelectual ao apresentar um narrador-escritor, Rodrigo S.M., que se encontra em crise por tentar retratar na literatura a figura da nordestina Macabéa:

E eis que fiquei agora receoso quando pus palavras sobre a nordestina. E a pergunta é: como escrevo? Verifico que escrevo de ouvido assim como aprendi inglês e francês de ouvido. Antecedentes meus do escrever? Sou um homem que tem mais dinheiro do que os que passam fome, o que faz de mim de algum modo um desonesto. E só minto na hora exata da mentira. Mas quando escrevo não minto [...] (LISPECTOR, 2017, p.53).

Rodrigo S.M. percebe que ambos pertencem a classes sociais distintas, levando-o a questionar a possibilidade de representação do pobre por parte de alguém que ocupa posição diferente e em uma arte – a literária – na qual ele não se vê representado: “Se o leitor possuir alguma riqueza e vida bem acomodada, sairá de si para ver como é às vezes o outro. Se é pobre, não estará me lendo porque ler-me é supérfluo para quem tem uma leve fome permanente.” (LISPECTOR, 2017, p. 63), afirma. Assim, como alguém que não pertence à classe descrita, cabe a escritora a tentativa de buscar uma forma de representá-la, forma sempre problematizada.

Em outros escritos que compõem o *Todas as crônicas*, publicado pela editora Rocco em 2018, torna-se clara a preocupação de Lispector em fazer da literatura uma ferramenta de expressão e denúncia. Na crônica “Ainda sem resposta”, de 22 de junho de 1968, relata que já viu muitas coisas no mundo: “Uma delas [...] é ter visto bocas se abrirem para dizer ou talvez apenas balbuciar, e simplesmente não

conseguirem. Então eu queria às vezes dizer o que elas não puderem falar (LISPECTOR, 2018, p. 117).

No entanto, faz isso sem deixar de considerar as dificuldades em levar o dado social para a literatura, ao mesmo tempo em que expressa o sentimento de estar fazendo muito pouco. Em “Literatura e justiça”, a escritora – podendo aqui ser reconhecida como tal, dada a aproximação do texto da crônica com a própria autora – diz: “[...] minha tolerância em relação a mim, como pessoa que escreve, é perdoar ou não saber como me aproximar de um modo ‘literário’ [...] da ‘coisa social.’” (LISPECTOR, 2018, p. 650). Já em “O que eu queria ter sido”, de 1968, expressa que gostaria de ser uma pessoa que luta pelo bem dos outros, além de comentar a infância em que via com perplexidade as injustiças sociais:

E lembro-me de como eu vibrava e de como eu me prometia que um dia esta seria a minha tarefa: a de defender os direitos dos outros. No entanto, o que terminei sendo, e tão cedo? Terminei sendo uma pessoa que procura o que profundamente se sente e usa a palavra que o exprima. É pouco, é muito pouco (LISPECTOR, 2018, p. 164).

Lispector, desse modo, reconhece as barreiras encontradas ao tentar transpor o social para o texto, principalmente em se tratando de uma pessoa que está distanciada desses acontecimentos – como o Rodrigo S.M. de *A hora da estrela* -, sem, todavia, deixar de fazê-lo. Nesse sentido, Clarice Lispector encontra na própria linguagem uma forma de construção e representação não só do dado social, mas também de seu papel como escritora – que é importante ainda que limitado.

Em “As crianças chatas”, por exemplo, é possível notar a repetição da negação, a palavra “não”² é dita diversas vezes ao longo do escrito, enfatizando o sentimento de insatisfação, de não aceitação da narradora com a cena visualizada. Ao relatar o que foi visto e ao declarar, no final, que não aguenta a resignação e que devora “com fome e prazer a revolta”, a narradora assim como as personagens declara ter fome; no entanto, enquanto a mãe e a criança têm fome de alimento, a dela é outra: vingança. Vale ressaltar que ao utilizar termos como “visualizei o que é real”, a voz narrativa aproxima-se da autora, assim, a própria Lispector parece se

² “**Não** posso. **Não** posso pensar na cena que visualizei e que é real. O filho que está de noite com dor de fome e diz para a mãe: estou com fome, mamãe. [...] Ela insiste: durma. Ele diz: **não** posso, estou com fome” (LISPECTOR, 2018, p. 11, grifo meu).

alimentar dessa revolta para, em seguida, vomitar sua vingança contra as injustiças sociais em forma de texto.

Outros fatores importantes a serem declarados sobre a mesma crônica são o título do texto e o espaço onde os eventos descritos ocorrem. Em se tratando do título, é fundamental perceber que ele está no plural “As crianças chatas”, mesmo que na crônica exista uma única criança. Pode-se, portanto, compreender que o menino descrito por Clarice Lispector no texto é uma personagem tipo, ou seja, que foi construída “[...] em torno de uma única ideia ou qualidade” (FORSTER, 1949 *apud* CANDIDO, 2014, p. 62). Assim, ele não está ali de forma individualizada, mas como um todo, representando todas as crianças chatas. Chatas porque incomodam, assim como a fome, pois obrigam o leitor a sair de sua zona de conforto e olhar para a miséria.

Quanto ao espaço, pode-se observar que os acontecimentos vistos pela narradora não se desenrolaram em um local específico mencionado, mas em um lugar tão exposto que permitiu a um observador enxergar o que acontecia, além de que ambos, mãe e filho, encontram-se despertos “Na noite negra”, como se a própria noite os rodeasse, ao invés de paredes. Logo, percebe-se que os dois não estão em uma residência própria – que provavelmente não possuem – e, sim, em uma rua qualquer do Brasil.

O espaço da rua aparece novamente em “As caridades odiosas”, de 06 de dezembro de 1969, como local onde se desenrola a narrativa. Porém, agora aparecem outros ambientes no texto, conforme a narradora-personagem transita entre eles, como a confeitaria e o ônibus. Além do ambiente, outro fator que se repete em relação ao escrito anterior é a figura da criança. Ao passar depressa por uma via, a personagem é detida por algo que se enrosca em seu vestido; ao se virar, percebe que a interrupção foi causada por uma pequena mão:

Foi quando meu vestido me reteve: alguma coisa se enganchara na minha saia. Voltei-me e vi que se tratava de uma mão pequena e escura. Pertencia a um menino a quem a sujeira e o sangue interno davam um tom quente de pele. O menino estava de pé no degrau da grande confeitaria. Seus olhos, mais do que suas palavras engolidas, informavam-me de sua paciente aflição. Paciente demais. Percebi vagamente um pedido, antes de compreender o seu sentido concreto. Um pouco aturdida eu o olhava, ainda em dúvida se fora a mão da criança o que me ceifara os pensamentos.
- Um doce, moça, compre um doce para mim (LISPECTOR, 2018, p. 262).

É possível observar, nesse trecho extraído, a reação que o contato com o outro desencadeia na narradora-personagem. Ao deparar-se com a criança, a mulher é retirada não só de seu caminho, mas também de sua posição perante os acontecimentos a sua volta, pois, impedida de seguir em frente, vê-se obrigada a encarar o menino que, com fome, lhe pede um doce da confeitaria. Assim, arrancada de seu lugar de observadora, frente às desigualdades sociais, a personagem é obrigada a agir. Incomodada com a situação, decide compra-lhe dois doces.

Ao deixar o estabelecimento, no entanto, sente-se envergonhada ao perceber que seu desconforto vai além da posição em que é colocada: o que a perturba é a noção de que não tivera medo de que outros a vissem sendo retirada de seu local comum, mas, sim, de que não a vissem sendo piedosa, ato que só foi possível graças a falta de piedade de outros para com a fome da criança. Dessa forma, a caridade realizada torna-se odiosa, tanto pela miséria que expõe quanto pela percepção de que sua boa ação dependeu do sofrimento de outro.

A crônica também traz um dado social importante para o país ao descrever as características físicas do menino – magro, tão sujo que “[...] a sujeira e o sangue interno davam um tom quente de pele”, escuro. As descrições apresentadas pela narradora sugerem a etnia da criança: negra. Ademais, o personagem é relatado como alguém de “palavras engolidas”, como se além do alimento a fome também lhe privasse de ser ouvido e visto, impedindo-o de possuir uma vida digna e obrigando-o a (sobre)viver tão à margem que “Mesmo os doces estavam tão acima do menino escuro” (LISPECTOR, 2018, p. 263).

No mesmo texto, após comprar as guloseimas para o garoto, a mulher decide que voltará para a casa de ônibus ao invés de pegar um taxi. Já no transporte público, depara-se com uma mãe e seu bebê, que, em meio a conversas, revela a ela que ainda não comeu e que não possui dinheiro suficiente para pagar seu aluguel. A segunda parte de “As caridades odiosas” parece transmitir a sensação de que o problema da fome é tão persistente e atinge um número tão grande de pessoas que a personagem, agora já com seu olhar voltado para o outro, não consegue deixar de encontrá-la em todos os lugares:

- Estou desde manhã na rua, informou a mulher. Fui procurar umas amizades que não estavam em casa. Uma tinha ido almoçar fora, a outra foi com a família para fora.

- E a menina?
- É menino, corrigiu ela, está com roupa dada de menina mas é menino. O menino comeu por aí mesmo. Eu é que não almocei até agora.
- É seu neto?
- Filho, é filho, tenho mais três [...] (LISPECTOR, 2018, p. 264).

Observa-se que a caracterização da mãe e de seu filho novamente demonstra suas posições como pertencentes a uma classe social que passa por dificuldades. Segundo Pitanguy, apud Alves (2017), a mulher “[...] apresenta no rosto o sofrimento e o cansaço que atribuíam à mulher da crônica alguns anos a mais. O filho também surge no texto como um ser sem identidade ou, de fato, invisível, escondido sob as roupas doadas [...]” (PITANGUY, 2000 *apud* ALVES, 2017, p. 134). Desse modo, é como se mãe e filho carregassem em suas características as marcas da pobreza e da exclusão.

Marcas que também aparecem em “A crise”, de 1970, na qual a não nomeação das personagens sugere a sua terrível universalidade. Trata-se do único dos textos selecionados escrito na terceira pessoa, apresentando uma narradora que não participa dos fatos, mas é onisciente, já que demonstra conhecer os pensamentos e sentimentos da protagonista. Desse modo, não se retém a apenas descrever sequências de ações que se dão no plano exterior, mas também se aprofunda no “eu” da personagem, expondo seus mais íntimos anseios e angústias. Em alguns trechos, essa aproximação da narradora com a mulher é tanta que ambas as vozes se confundem:

Foi então que ela atravessou uma crise que nada parecia ter a ver com sua vida: uma crise de profunda sensibilidade. E um dos sintomas era a piedade pelos outros e por si própria. E a cabeça tão limitada, tão bem penteada pelo cabeleireiro da moda, mal podia suportar perdoar tanto. No Theatro Municipal, na sua frisa, não podia olhar o rosto de um tenor enquanto este cantava alegre – virava para o lado o rosto magoado, era insuportável, ela não suportava o patético da glória efêmera do cantor. Na rua, de repente, comprimia o peito – assaltada de perdão. Ela sofria muito (LISPECTOR, 2018, p. 314).

O mergulho em seu interior revela alguém em crise, de “profunda sensibilidade”, sendo que a piedade aparece como consequência da situação. A crise parece colocar em “xeque” o mundo da personagem – limitado, assim como sua cabeça bem penteada -, levando-a a não o suportar mais, como também já não tolera a efemeridade das coisas mundanas e a sensação de aprisionamento provocada por uma vida construída em conformidade com os padrões impostos pela

sociedade. Nota-se que a sensação de incompletude e de sufocamento faz com que ela saia a passeio, ou seja, em busca de algo, principalmente ao deparar-se com uma possível traição do marido:

Essa mesma senhora que sofreu de sensibilidade como se passa por um sarampo, essa mesma senhora escolheu um domingo em que o marido viajava para procurar a bordadeira. Era mais um passeio que uma necessidade. Isso ela sempre soubera: passear. Como se ainda fosse a menina que passeia na calçada. Sobretudo nesse sarampo-de-sensibilidade, passeava muito quando *sentia* que o marido a enganava. Assim foi procurar a bordadeira no domingo de manhã. Teve que subir por uma rua cheia de lama, de galinhas soltas e crianças seminuas e barrigudas – onde fora se meter! No próprio centro da piedade. A bordadeira, na casinhola cheia de filhos com cara de fome, o marido tuberculoso – a bordadeira se deu ao luxo de recusar a bordar a toalha porque não gostava de fazer ponto de cruz! Saiu afrontada e perplexa. Sentia-se tão suja pelo calor da manhã, e um dos seus prazeres era pensar que sempre fora imaculada. Em casa almoçou sozinha, deitou-se no quarto meio escurecido, oh pelo menos uma vez não *sentia* nada. Senão a perplexidade diante da liberdade de criação da bordadeira, no entanto necessitada de dinheiro. Deitada talvez com um sentimento de espera. A liberdade? Até que, dias depois, num chá de caridade, a sensibilidade se curou assim como uma ferida seca. Aliás, um mês depois, teve o seu primeiro amante, o primeiro de uma alegre série (LISPECTOR, 2018, p. 315).

Ao procurar a bordadeira para que ela borde uma toalha, a mulher deixa o espaço que normalmente habita – alguma região nobre do Rio de Janeiro, no Brasil, dada a classe social a qual ela visivelmente pertence e a menção ao Theatro Municipal, localizado na região central da cidade – e depara-se com a pobreza, a miséria e a fome, percorrendo uma rua repleta de lama, galinhas soltas e crianças seminuas e barrigudas, que denunciam um local sem serviços de saneamento básico e com uma população assolada pela insegurança alimentar.

Assim como em “As crianças chatas” e “As caridades odiosas”, a fome aparece ligada a mãe e a criança. De acordo com Alves (2017), a presença marcante e, até certo ponto, frequente das duas figuras nas crônicas de Clarice Lispector pode significar que a escritora conseguia enxergar essa parcela da população como a mais afetada pela miséria e pela pobreza. Além disso, a imagem materna e da criança faminta potencializam a ideia da fome, posto que a mãe é a primeira fonte de alimentação do bebê, a provedora da satisfação de sua necessidade.

Todavia, Lispector insere também no texto uma imagem masculina, o marido tuberculoso – doença associada à falta de alimentação. Segundo Adas (2013, p.21),

os efeitos mais comuns causados pela fome são a desnutrição, anemias, doenças causadas pela deficiência de vitamina A e distúrbios provocados pela carência de vitaminas do grupo B. Óbitos de crianças pobres no Brasil não apontam a fome como causa, mas decorrem de condições geradas pela falta de alimentação adequada, como pneumonias, desidratação, sarampo – doença também citada pela escritora – e tuberculose.

O contato com a bordadeira, isto é, esse encontro com o outro, provoca na personagem uma quebra de expectativas, pois, contrariando aquilo que era esperado, a mãe recusa-se a pegar o trabalho. Atordoada, a mulher, antes imaculada, sente-se suja e, ao voltar para casa, declara não sentir mais nada. O estado de falta e carência é associado ao que é verdadeiro e livre, desse modo, a protagonista, anteriormente presa e reduzida pelos limites que lhe foram impostos e por sua condição de mulher, liberta-se ao se deparar com a crueza do real.

Continuando com as análises dos textos de Lispector, tem-se “Fatura e Carência”, publicada em 14 de setembro de 1968. Na crônica, a narradora parece tão próxima de Clarice Lispector que quase não há uma distinção entre as duas, havendo, inclusive, referências ao seu trabalho como escritora e às crônicas veiculadas aos sábados no *Jornal do Brasil*. O leitor, que em outros escritos tem seu olhar conduzido a determinado ponto pela narradora, aparece como claro destinatário das palavras de Lispector, como se a narradora-autora, tomada pela raiva, vomitasse sua ira e revolta de forma desenfreada, assumindo um tom confessional:

Até escrever está sendo fácil. Por que é que eu escrevia com as entranhas e neste momento estou escrevendo com a ponta dos dedos? É um pecado, bem sei, querer a carência. Mas a carência de que falo é tão mais plenitude do que essa espécie de fatura. Simplesmente não a quero. Vou dormir porque não estou suportando este meu mundo de hoje, cheio de coisas inúteis. Boa noite para sempre, para sempre. Até sábado que vem. E não me respondam: não quero ouvir a voz humana. E se suporto a minha voz se despedindo é porque ela piora de muito a minha raiva (LISPECTOR, 2018, p. 145).

Lispector, em um único fôlego, pois nota-se que a crônica é composta por apenas um parágrafo de frases que desencadeiam um fluxo de pensamentos, confessa seu súbito cansaço e a insatisfação gerada pela fatura, isto é, pelo repentino sentimento-impressão de que se tem tudo e de que não há mais nada a ser conquistado. Contudo, a raiva aparece como elemento de estímulo, já que é por

meio dela que a narradora-autora enxerga as faltas e as necessidades existentes e é ela que a mantém viva e a impulsiona a continuar:

Mas o pior é o súbito cansaço de tudo. Parece uma fatura, parece que já se teve tudo e que não se quer mais nada [...] Melhor seria o ódio. O que me salvaria dessa impressão de fatura – é fatura ou uma liberdade de que está sendo inútil? – seria a raiva. Não um tipo de raiva amorosa que existe. Mas a raiva simples e violenta. Quanto mais violenta, melhor [...] A raiva me tem salvado a vida. Sem ela o que seria de mim? **Como suportaria eu a manchete que saiu um dia no jornal dizendo que 100 crianças morrem no Brasil diariamente de fome? A raiva é minha revolta mais profunda de ser gente? Ser gente me cansa.** E tenho raiva de sentir tanto amor. Há dias que vivo de raiva de viver. Porque a raiva me envivece toda: nunca me senti tão alerta (LISPECTOR, 2018, p.144, grifo meu).

É com essa cólera que Clarice Lispector vê a manchete de jornal que afirma que 100 crianças morrem de fome diariamente no Brasil e é esse sentimento que a faz “suportar” a miséria que enxerga, ao mesmo tempo em que expõe a sua mais profunda revolta: a de ser gente. Assim, Lispector sente raiva de si e do outro pela pobreza vivenciada – e pela qual nada parece ser feito -, enquanto também revela sua ira por amar e por se importar com o que acontece com aqueles que estão ao seu redor, principalmente com os que são constantemente privados do mínimo necessário para sua subsistência.

A fome no país aparece representada indiretamente, visto que Lispector faz com que o leitor a visualize através de uma notícia de jornal, mas é, no entanto, o texto no qual a fome irrompe em sua forma mais drástica, cruel e crua: a morte. Segundo Ferraz (2010):

Sua aspereza é aguda e o mote da “carência” assume sua maior força quando aparece a referência à manchete do jornal: “cem crianças que morrem de fome”, o que é visto como insuportável. A carência (que se relaciona com a fome) está contraposta com a facilidade aparentemente apaziguadora da linguagem, pois é na linguagem da fatura que a ira raivosa “toma” o narrador para declarar o insuportável - a morte de crianças – uma violência que arromba o texto e que não possibilita nem o humanismo facilitador nem a escrita criadora, mas que exige, contraditoriamente, a elevação do estético e a superação das dicotomias mais profundas do social (FERRAZ, 2010, p.55).

A tentativa de composição da miséria na crônica dá-se pela construção do fluxo de pensamento da narradora-autora e pela expressão de sua raiva, culminando na escrita da crônica e, conseqüentemente, na concretização de sua vingança contra aquilo que não apenas a incomoda, mas a destrói. Todavia, a diferença de classes sociais existente entre Lispector e a população que (sobre)vive na miséria,

inevitavelmente, afasta a escritora da efetiva representação da fome, pois, mesmo sentindo raiva pela situação observada, “Só uma raiva, no entanto, é bendita: a dos que precisam” (LISPECTOR, 2018, p.145).

Em “Dies Irae”, de 1967, a raiva novamente é colocada como elemento chave para a narrativa. Clarice Lispector opta por iniciar o texto com uma frase curta e simples que transmite objetivamente o que sua narradora quer comunicar, além de evidenciar seu claro estado de ira: “Amanheci em cólera” (LISPECTOR, 2018, p. 29). A partir dessa sentença, a voz narrativa apresenta uma série de motivos para seu estado, permitindo que o leitor observe o mundo através de seus olhos e possa enxergar, mesmo que indiretamente, o que ela vê:

Não, não, o mundo não me agrada. A maioria das pessoas estão mortas e não sabem, ou estão vivas com charlatanismo. E o amor, em vez de dar, exige. E quem gosta de nós quer que sejamos alguma coisa de que eles precisam. Mentir dá remorso. E não mentir é um dom que o mundo não merece. E nem ao menos posso fazer o que uma menina semiparalítica fez em vingança: quebrar um jarro. Não sou semiparalítica. Embora alguma coisa em mim diga que somos semiparalíticos. E morre-se, sem ao menos uma explicação. E o pior – vive-se, sem ao menos uma explicação. E ter empregadas, chamemo-las de uma vez de criadas, é uma ofensa à humanidade (LISPECTOR, 2018, p.29).

É possível observar no trecho acima que a raiva da narradora é motivada pela sua insatisfação com o mundo, mais especificamente com a forma como as coisas parecem sempre seguir um padrão superficial, que acaba por priorizar o material, evidenciar os aspectos negativos da sociedade, como falsidade, egoísmo, mentira, desigualdade social e conformismo, e direcionar o homem a uma existência quase vazia. Angustiado, ela lamenta não poder se vingar como uma menina semiparalítica faria, já que não é uma, embora acredite na probabilidade de todos serem – ou estarem - semiparalíticos, ou seja, imobilizados, assim como a mãe de “As crianças chatas”, pela resignação.

Entretanto, no parágrafo seguinte da crônica, Lispector aponta uma possível forma de romper com a paralisia do homem: a loucura. Ao se afastar prolongadamente do pleno exercício de suas faculdades mentais, o ser humano se tornaria desprovido de razão e, por conseguinte, conseguiria se ver livre das imposições criadas no plano racional:

E ter a obrigação de ser o que se chama de apresentável me irrita. Por que não posso andar em trapos, como homens que às vezes vejo na rua com barba até o peito e uma bíblia na mão, esses deuses que fizeram da loucura um meio de entender? E por que, só porque eu escrevi, pensam que tenho

que continuar a escrever? Avisei a meus filhos que amanheci em cólera, e que eles não ligassem. Mas eu quero ligar. Queria fazer alguma coisa definitiva que rebentasse com o tendão tenso que sustenta meu coração. E os que desistem? Conheço uma mulher que desistiu. E vive razoavelmente bem: o sistema que arranhou para viver é ocupar-se. Nenhuma ocupação lhe agrada. Nada do que eu já fiz me agrada. E o que eu fiz com amor estraçalhou-se. Nem amar eu sabia, nem amar eu sabia. E criaram o Dia dos Analfabetos. Só li a manchete, recusei-me a ler o texto. Recuso-me a ler o texto do mundo, as manchetes já me deixam em cólera. E comemora-se muito. E guerreia-se o tempo todo. Todo um mundo de semiparalíticos. E espera-se inutilmente o milagre. E quem não espera o milagre está ainda pior, ainda mais jarros precisaria quebrar. E as igrejas estão cheias dos que temem a cólera de Deus. E dos que pedem a graça, que seria o contrário da cólera (LISPECTOR, 2018, p. 29 e 30).

Ademais, quando questiona as pessoas que pensam que ela deve continuar a escrever só porque fez isso antes, apontando um dado ligado a própria autora, a narradora rompe com a máscara do texto, assumindo outra, a autoral. Porém, não se revela Clarice real, que se sentava para redigir seus escritos durante a manhã, mas a ficcionalizada, personagem de si mesma, como enfatiza a escritora Nélida Piñon no podcast gravado para a Editora Rocco, em 2020, quando se comemorou o centenário de Lispector. Posteriormente, outras informações da vida pessoal da cronista vão surgir, como os filhos e a escritura das crônicas para o jornal, em constante jogo de (re)velação de si.

Clarice Lispector também se mostra insatisfeita com seu trabalho, pois até aquilo que fez com o amor se quebrou. Sua revolta é tanta que se recusa a ler o que afirma ser “o texto do mundo”, contendo as explicações para a manchete de jornal que menciona a criação de um Dia dos Analfabetos. A data citada pela escritora é aquela em se “comemora” o *Dia Mundial da Alfabetização*, “celebrado” em 08 de setembro e instituído, segundo matéria de 2019 publicada pela *Agência Brasil*, pela Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) em outubro de 1966, como forma de conscientização e combate ao analfabetismo. Com esses dados, é possível localizar a crônica dentro de um tempo e espaço, visto que Lispector provavelmente escrevia o texto quando a data foi comemorada no Brasil pela primeira vez, em 1967:

Não, não tenho pena dos que morrem de fome. A ira é o que me toma. E acho certo roubar para comer. – Acabo de ser interrompida pelo telefonema de uma moça chamada Teresa que ficou muito contente de eu me lembrar dela. Lembro-me: era uma desconhecida, que um dia apareceu no hospital, durante os quase três meses onde passei para me salvar do incêndio. Ela se sentara, ficara um pouco calada, falara um pouco. Depois fora embora. E agora me telefonou para ser franca: que eu não escreva no jornal nada de crônicas ou coisa parecida. Que ela e muitos querem que eu seja eu

própria, mesmo que remunerada para isso. Que muitos têm acesso a meus livros e que me querem como sou no jornal mesmo. Eu disse que sim, em parte porque também gostaria que fosse sim, em parte para mostrar a Teresa, que não me parece semiparálitica, que ainda se pode dizer sim (LISPECTOR, 2018, p. 30).

Entre os elementos que provocam a cólera da autora, destaca-se o dado social, que aparece logo no primeiro parágrafo da crônica, quando Lispector assegura que ter empregadas – “chamemo-las de uma vez de criadas”, salienta a escritora – é uma ofensa à humanidade, ou seja, submeter outro ser humano – o outro - a uma posição de servidão, sem a qual ele não conseguiria sobreviver, é um ataque à própria natureza humana. Mais adiante, a escritora menciona os homens que vê na rua vestidos de trapos, com a barba longa e que, levados à loucura, fizeram dela um meio de entender e questiona por que ela própria não pode viver da mesma forma. Na passagem, é possível observar o mesmo recurso de construção da fome e da pobreza que será utilizado no texto “Fartura e Carência”, no qual Lispector sugere que é na falta que reside o real. Nota-se que ela “vê” os homens na rua, como se o olhar estivesse sempre presente no processo de reconhecimento da fome, que se dá, bem como em “As crianças chatas” e “As caridades odiosas” em um espaço público.

No livro *A casa & a rua: Espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*, DaMatta (1997) pensa o país a partir da análise dos espaços público e privado, utilizando a “casa” e a “rua” como símbolos desses locais. Entretanto, os dois elementos não designam apenas espaços geográficos, mas referem-se também a própria ordem social, sem a qual não é possível interpretar como o ambiente físico é concebido:

Quando digo então ‘casa’ e ‘rua’ são categorias sociológicas para os brasileiros, estou afirmando que, entre nós, estas palavras não designam simplesmente espaços geográficos ou coisas físicas comensuráveis, mas acima de tudo entidades morais, domínios culturais institucionalizados e, por causa disso, capazes de despertar emoções, reações, leis, orações, músicas e imagens esteticamente emolduradas e inspiradas (DAMATTA, 1997, p.14).

Assim, os elementos de significação social – casa, rua e o outro mundo (lugar onde dá-se a sintetização dos outros dois e que simboliza a renúncia do mundo material, com suas dores, ilusões e injustiças) – possuem visões de mundo distintas, que moldam o comportamento do homem de acordo com sua posição nas esferas de significação e provocam mudanças de atitudes, assuntos, papéis sociais e pontos

de vistas. O indivíduo é capaz de sustentar discursos dispares conforme o ambiente que ocupa, assim, em casa ele pode pregar certo conservadorismo, enquanto na rua discorre abertamente sobre moral sexual (DAMATTA, 1997). Considerando os pensamentos de DaMatta, a casa pode ser compreendida como um local de hospitalidade, amor, descanso e de aproximação com aqueles que formam a família que ali reside. A rua consolida-se, portanto, como representação do contrário, espaço de insegurança, agitação, perigo e individualização, posto que lá encontram-se os que não podem ser definidos por meio de sua relação com alguém ou alguma instituição:

Por tudo isso, “ser posto para fora de casa” significa algo violento, pois, se estamos expulsos de nossas casas, estamos privados de um tipo de espaço marcado pela familiaridade e hospitalidade perpétuas que tipificam aquilo que chamamos de “amor”, “carinho” e “consideração”. Do mesmo modo, “estar em casa”, ou sentir-se em casa, fala de situações onde as relações são harmoniosas e as disputas devem ser evitadas. Não posso transformar a casa na rua e nem a rua na casa impunemente (DAMATTA, 1997, p. 50).

O espaço expõe, então, uma hierarquia socioeconômica abertamente marcada nas crônicas de Clarice Lispector. As ruas aparecem como locais de incerteza, insegurança e desamparo, que escancaram a existência da miséria e revelam a face dos despossuídos, enquanto o ambiente de dentro, originalmente ocupado pelas narradoras de Lispector, representa seu extremo oposto, lugar de segurança, tranquilidade e privilégios, do qual a voz narrativa precisa afastar-se para buscar a representação da fome.

Continuando com o estudo do texto, a cronista diz não sentir pena – sentimento que pode evocar a piedade - dos que morrem de fome, mas ira. A ira, no entanto, pode ser associada à vingança e ao protesto, palavras derivadas dos verbos “vingar” e “protestar” e que, portanto, indicam movimentação. Siqueira (2020) afirma que a ideia de movimento está presente ao longo de toda crônica e ao evidenciá-la, por meio da descrição das ações cotidianas, a escritora subverte a noção de paralisia:

Esse amanhecer em cólera, essa fúria das auroras que se rebela contra normas, costumes, idealismos e ideologias rege o texto por inteiro. Começar o dia com movimentos que subvertam os modos de paralisia. Movimentos com o corpo, movimentos que quebram, movimentos irados, movimentos que rebentam a paralisia afetiva – minha e do outro. A raiva é uma manada de contrariedade que estoura em relação ao absurdo da vida, ao choque da

morte, ao mundo que desperdiça suas manhãs com mortos-vivos, com charlatões existenciais (SIQUEIRA, 2020, p. 479).

Assim, é quando a escritora converte seu ódio em escrita, fazendo de suas palavras movimento, que Clarice Lispector alcança aquilo que se propôs a fazer: expor, evidenciar e denunciar a miséria. Todavia, a impossibilidade de narrar, de representar a totalidade no texto, fratura que é marca da obra clariceana, a conduz à inevitável ação da paralisia e da mudez – já que a voz do escritor é sua obra – e transforma a cólera em simples tristeza: “Hoje sou a paralítica e a muda. E se tento falar, sai um rugido de tristeza. Então não é cólera apenas? Não, é tristeza também” (LISPECTOR, 2018, p.31).

Em “Daqui a vinte e cinco anos”, de 16 de setembro de 1967, a situação da fome no Brasil aparece explicitamente. No texto, que funciona como uma espécie de relato das impressões-desejos para o futuro do país, a diferenciação entre narradora e cronista praticamente desaparece, e o que fica são as reflexões de Clarice Lispector sobre o Brasil:

Perguntaram-me uma vez se eu saberia calcular o Brasil daqui a vinte e cinco anos. Nem daqui a vinte e cinco minutos, quanto mais vinte e cinco anos. Mas a impressão-desejo é a de que num futuro não muito remoto talvez compreendamos que os movimentos caóticos atuais já eram os primeiros passos afinando-se e orquestrando-se para uma situação econômica mais digna de um homem, de uma mulher, de uma criança. E isso porque o povo já tem dado mostras de ter maior maturidade política do que a grande maioria dos políticos, e é quem um dia terminará liderando os líderes. Daqui a vinte e cinco anos o povo terá falado muito mais. (LISPECTOR, 2018, p. 22)

Nesse primeiro parágrafo da crônica, Lispector enxerga nos movimentos caóticos de sua época uma movimentação em favor de uma melhor situação econômica para os brasileiros e uma vida mais digna. Percebe-se que a escritora deposita suas esperanças na própria população que, segundo ela, dá sinais de maior maturidade política, como também parece mais determinada a expor suas vontades. É importante salientar que a época que compreende a escrita do texto foi de grandes manifestações políticas, culturais e de intensas transformações nas estruturas da sociedade brasileira. A década de 60 foi marcada pelo Golpe de 1964 - movimento que derrubou o então presidente João Goulart e levou ao poder, de forma indireta, o marechal Humberto Castello Branco. Assim, instaurou-se a Ditadura Militar no país. O regime ditatorial brasileiro durou 21 anos, terminando em

1985, porém a retomada da democracia só se consolidou três anos depois, em 1988, com a promulgação da Constituição Federal, que institui o Estado Democrático de Direito e a liberdade civil.

O período ditatorial foi repleto de forte repressão, violência e censura aos que, de algum modo, fossem considerados opositores ao governo, fazendo com que qualquer manifestação – artística ou não – contrária às ideologias governamentais fossem fortemente reprimidas. Em âmbito econômico, segundo Adas (2004), a época foi de uma política econômica que tomou a industrialização como prioridade; todavia, os esforços governamentais fixaram-se nos produtos de exportação, provocando aumento dos preços das mercadorias destinadas ao consumo local - valor que ficou acima dos aumentos salariais dos trabalhadores. Junto a esse fator, aprofundou-se “[...] brutalmente o desnível entre as classes sociais [...]” (ADAS, 2004, p. 120), além de que:

Houve a reafirmação da grande propriedade (latifúndio) e acentuou-se a concentração da propriedade da terra nas mãos de poucas pessoas. Por sua vez, as manifestações sociais em defesa da reforma agrária passaram a ser violentamente reprimidas pela ditadura militar (ADAS, 2004, p. 120).

Vale ressaltar que Josué de Castro (1957) afirma que a fome é fruto direto da ascensão do capitalismo, que possibilitou o acúmulo de capital e as más distribuições de renda e de recursos. Já Jacques Chonchol, em conferência realizada no ano 1983, em razão do 10º aniversário da morte de Castro, exprime opinião que complementa o pensamento dele e o de Adas. Para Chonchol, existem alguns fatores determinantes para o consumo alimentar de um país: “[...] o primeiro elemento que determina o consumo alimentar é o salário médio do país. O segundo, é como se distribuem esses salários entre os distintos setores sociais. O terceiro é a cultura alimentícia da população [...]” (CHONCHOL, 1985, p. 96).

Desse modo, tanto o salário médio que não acompanha o aumento de preço dos produtos alimentícios quanto sua má distribuição contribuíram para o crescimento da concentração de renda e para o aumento da pobreza no país: os ganhos advindos das políticas de aceleração econômico da época ficaram restritos a uma pequena parcela da população. Assim, ao mesmo tempo em que o Brasil vivia o chamado Milagre Econômico, entre os anos de 1968 e 1973, que

ocasionou um expressivo crescimento econômico, a parcela mais miserável da população brasileira se viu frente à fome.

No entanto, de acordo com Souza (2018), ainda entre os anos de 1967 e 1968, contrariando a crescente repressão, uma série de mobilizações contra a ditadura irromperam no Brasil, provocando o surgimento de movimentos sociais e estudantis, como a Passeata dos Cem Mil, evento que reuniu cerca de 100 mil pessoas nas ruas do centro da cidade do Rio de Janeiro para uma manifestação contra o governo ditatorial (SOUZA, 2012, p. 183).

Assim, as impressões da autora sobre o futuro do país, principalmente em relação ao posicionamento do próprio povo e sua relação com a política, foram conduzidas pela insatisfação com o governo vigente e pelo aumento das manifestações populares. Nádía Battella Gotlib, biógrafa de Clarice Lispector, relata, no ensaio publicado na revista literária *Cadernos de Literatura Brasileira*, que a escritora, após agentes do Departamento Estadual de Ordem Pública - Dops e soldados da Polícia Federal matarem quatro e ferirem 58 pessoas em 21 de junho de 1968, participa “[...] da passeata carioca contra a ditadura militar - que tinha entre os manifestantes cerca de 300 intelectuais [...] Quatro dias depois, a escritora volta a sair às ruas, na “Passeata dos Cem Mil³” (GOTLIB, 2004, p. 31).

Na segunda metade da crônica, a cronista deseja – já que não pode prever – que o problema mais urgente do Brasil se resolva, a fome, salientando a necessidade de que isso ocorra mais depressa do que em vinte e cinco anos. Para Lispector, a fome era a questão mais grave e, portanto, deveria ser tratada com urgência e prioridade. Desse modo, a escritora – que tem o texto como concretização de sua revolta - direciona seu escrito aos homens, mulheres e crianças que sofrem e que são “moribundos ambulantes”, conduzindo o olhar do leitor para os desprivilegiados, obrigando-os a enxergar, ainda que involuntariamente, a miséria, a carência, a falta daquilo que deveria ser o básico para todo cidadão:

Mas se não sei prever, posso pelo menos desejar. Posso intensamente desejar que o problema mais urgente se resolva: o da fome. Muitíssimo mais depressa, porém, do que em vinte e cinco anos, porque não há mais tempo de esperar: milhares de homens, mulheres e crianças são verdadeiros moribundos ambulantes que tecnicamente deviam estar

³ O ensaio de Nádía Battella Gotlib traz uma foto de Clarice Lispector na Passeata dos Cem Mil. Ao seu lado, estão nomes como Ziraldo, Milton Nascimento e Oscar Niemeyer (ver Anexo A).

internados em hospitais para subnutridos. Tal é a miséria, que se justificaria ser decretado estado de prontidão, como diante de calamidade pública. Só que é pior: a fome é a nossa endemia, já está fazendo parte orgânica do corpo e da alma. E, na maioria das vezes, quando se descrevem as características físicas, morais e mentais de um brasileiro, não se nota que na verdade se estão descrevendo os sintomas físicos, morais e mentais da fome. Os líderes que tiverem como meta a solução econômica do problema da comida serão tão abençoados por nós como, em comparação, o mundo abençoará os que descobrirem a cura do câncer (LISPECTOR, 2018, p. 22 e 23).

A tentativa de representação da fome na crônica dá-se por meio da comparação: ao afirmar que a fome é a endemia do Brasil, Clarice Lispector não só estabelece a seriedade do problema, mas também o aponta como intrínseco ao brasileiro, assumindo a impossibilidade de se pensar o país sem considerar as bases arcaicas sobre as quais ele foi construído – e sobre as quais ainda se mantém – e que o conduziram a uma estrutura social que privilegia uma pequena parcela da população, enquanto milhares de pessoas convivem com a pobreza diariamente. Se a fome é a doença da nação, como diz Lispector, seu povo é seu espelho e, como tal, está tão doente quanto o espaço que habita.

A cronista enfatiza essa aproximação ao declarar que, “quando se descrevem as características físicas, morais e mentais de um brasileiro, não se nota que na verdade se estão descrevendo os sintomas físicos, morais e mentais da fome” (LISPECTOR, 2018, p. 23), isto é, ao caracterizar ou estruturar a fome em seus textos, Lispector constrói uma representação do próprio brasileiro, tão impregnado pela doença que ela não é só refletida fisicamente, mas também mental e moralmente. Vale ressaltar que, ao final da crônica, a escritora afirma que aqueles que encontrarem a solução para o problema da falta de comida serão tão abençoados quanto aqueles que descobrirem a cura para o câncer – doença de extrema gravidade e que, curiosamente, levou Lispector a óbito em 1977.

“A entrevista Alegre”, publicada em dezembro de 1967, também se aproxima de um relato de algo experienciado por Lispector, carregando em seus parágrafos certo ar de realidade ficcionalizada ao apresentar informações que podem ser associadas à vida de Clarice Lispector e ao espaço sobre o qual recai sua denúncia, como a referência à Editora Civilização Brasileira, que factualmente existe e atua no

mercado editorial brasileiro há 89 anos, tendo sido incorporada ao Grupo Editorial Record em 1996⁴.

No texto, Lispector descreve uma entrevista que concedeu à Editora Civilização Brasileira, mais especificamente para uma moça chamada Cristina. A escritora não se mostra feliz com a reportagem, pelo contrário, diz considerar a tarefa uma amolação e tenta desmarcá-la sem sucesso. Um dos aspectos mais relevantes para a compreensão da fome na obra de Clarice Lispector aparece após a inviabilidade do cancelamento da entrevista: a autora – aqui também narradora dos fatos – resigna-se diante da situação, mas afirma veementemente que irá se vingar:

Tentei telefonar para Paulo Francis e desmarcar. Mas como? Se sou, como todo mundo, vítima do telefone. Este ou não dava linha, ou dava e não estabelecia ligação. Afinal resignei-me. Mas vou me vingar, pensei, de um modo ou de outro vou me vingar (LISPECTOR, 2018, p. 59).

O sentimento de resignação também aparece em “As crianças chatas” para descrever o posicionamento da mãe em relação à fome. Na crônica em questão, a narradora é enfática ao dizer que não suporta a resignação e assume a revolta; o mesmo acontece em “A entrevista alegre”: como não conseguiu seu objetivo, Clarice Lispector opta pela vingança. Tal posicionamento frente a situações que podem ser consideradas desestabilizadoras parece tema constante nas crônicas da escritora que abordam a fome, como se resignação e vingança fossem as opções a serem adotadas diante da pobreza.

Apesar de dizer que irá se vingar, o clima muda com a chegada de Cristina. A moça, descrita como linda e inteligente, encanta a autora com suas perguntas complicadas e sua presença simples, tanto é que Lispector enxerga na mulher alguém capaz de mudar o país: “[...] você é tão necessária ao Brasil. Muitos rapazes e moças como você, e o Brasil iria para a frente” (LISPECTOR, 2018, p.62), e sobre a qual gostaria de escrever: “Percebo que afinal estou tendo a minha vingança: a moça escreve sobre mim, mas eu vou e escrevo sobre ela. Aliás, Cristina, você quer jantar uma noite dessas comigo? É só me telefonar” (LISPECTOR, 2018, p.62).

⁴ Informações do site oficial do Grupo Editorial Record: CIVILIZAÇÃO Brasileira. In: **Grupo Editorial Record**. Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: <https://www.record.com.br/editoras/civilizacao-brasileira/>. Acesso em: 31 jul. 2021.

Lispector, então, a convida para jantar, demarcando a diferença de classes da escritora e de suas personagens: enquanto as criaturas não possuem o que comer, a criadora oferece jantares em sua residência. Os momentos de alimentação em família podem ser associados, nas crônicas da autora, à felicidade; em “Comer, comer”, Clarice Lispector afirma que uma casa deve possuir, além de amor, panelas no fogo:

Quanto a mim, vou abrindo e fechando a bolsa para tirar dinheiro para compras [...] E quanto a mim, acho certo que num lar se mantenha aceso o fogo para o que der e vier. Uma casa de família é aquela que, além de nela se manter o fogo sagrado do amor bem aceso, mantenham-se as panelas no fogo. O fato é que simplesmente nós gostamos de comer. E sou com orgulho a mãe da casa de comidas. Além de comer conversamos muito sobre o que acontece no Brasil e no mundo, conversamos sobre que roupa é adequada para determinadas ocasiões. Nós somos um lar (LISPECTOR, 2018, p. 167).

Em determinado ponto da narrativa de “Entrevista alegre”, a cronista percebe que sua vingança está se concretizando, pois Cristina escreve sobre ela, mas a escritora, ao representar o fato na crônica, também faz registros sobre a moça. Desse modo, o texto consagra-se como veículo de vingança para ela e é por meio dele que Lispector denuncia e expõe as mazelas para seus leitores. E se a escrita é sua revolta, é com ela que a escritora vai tentar representar as situações que a incomodam, como a fome, e as personagens que as vivenciam, revelando o engajamento de sua obra: “Tudo o que escrevo está ligado, pelo menos dentro de mim, à realidade em que vivemos. É possível que este meu lado ainda se fortifique mais alguma dia” (LISPECTOR, 2018, p.62). Por isso, ao ser questionada na entrevista com Cristina sobre a importância da cultura popular, a cronista aponta aquilo que é de fato fundamental:

[...] Eu disse que sim, mas que havia algo muito mais importante ainda: oferecer oportunidade de ter comida a quem tem fome. A menos que a cultura popular leve o povo a tomar consciência de que a fome dá o direito de reivindicar comida. Vide a nova encíclica que fala no recurso extremo à rebelião em caso de tirania (LISPECTOR, 2019, p. 62).

Assim Lispector conclui, discorrendo sobre a importância de se dar a quem tem fome a oportunidade de ter comida, além de dissertar sobre o papel da cultura – ou arte – na denúncia da fome: o de guiar o olhar do leitor para a realidade, fazendo com que todos enxerguem que a existência da fome confere aos famintos o direito de reivindicar alimento, isto é, seria função da cultura impulsionar a população a

uma ação. Entretanto, alguns obstáculos dificultam a plena execução dessa ideia, como o distanciamento existente entre aquele que está à margem e o artista que busca representá-lo, dado transposto para a própria crônica quando Lispector escreve que esqueceu-se de comprar uma campainha para chamar a empregada: “Você vai se casar com um diplomata, mas será um jantar não diplomático, na nossa copa provavelmente, pois continuo esquecendo de comprar uma campainha de chamar empregada e na certa não poderemos jantar na sala [...]” (LISPECTOR, 2018, p.62).

Ao contrário dos textos anteriores, as duas crônicas a seguir possuem registros metafísicos e existenciais mais claros, mas não deixam de ser relevantes para o estudo da fome nos escritos de Clarice Lispector. “A morte de uma baleia” (1968) traz uma interessante reflexão sobre a morte, todavia, o estudo da obra terá como foco apenas o dado social da fome. Na crônica novamente se tem a presença de uma narradora que ocupa uma posição de privilégio na sociedade e que apresentará os fatos narrados por meio de seu ponto de vista.

O escrito começa com uma clara marcação do espaço ao fazer referência aos bairros Leme e Leblon, localizados na cidade do Rio de Janeiro. Na crônica, a narradora relata que duas baleias, uma em cada praia, acabaram entaladas na areia, sem conseguirem voltar para as águas do oceano. Os animais acabam se convertendo em sádicos espetáculos para a população que assiste às suas agonias – exceto a narradora, que se recusa a ir vê-las:

Em minutos espalhara-se a notícia: uma baleia no Leme e outra no Leblon haviam surgido na arrebentação de onde tinham tentado sair sem no entanto poder voltar. Eram descomunais apesar de apenas filhotes. Todos foram ver. Eu não fui: corria o boato de que ela agonizava já há oito horas e que até atirar nela haviam atirado mas ela continuava agonizando e sem morrer (LISPECTOR, 2018, p. 133).

A construção da fome dá-se em associação com a morte e a dor, pois uma das baleias começa a ser devorada em vida. Indignada, a narradora-personagem amaldiçoa aqueles que a comerão, exceto quem o fará por verdadeira necessidade, isto é, por sentir fome. Apesar de não aparecer de forma clara como nos outros trabalhos de Clarice Lispector como cronista, o dado social está presente na obra, como é possível observar no fragmento, evidenciando a preocupação da autora com o tema e com a sua posição em relação a pobreza:

Enquanto isso as notícias misturadas com lendas corriam pela cidade do Leme. Uns diziam que a baleia do Leblon ainda não morrera mas que sua carne retalhada em vida era vendida por quilos pois carne de baleia era ótimo de se comer, e era barato, era isso que corria pela cidade do Leme. E eu pensei maldito seja aquele que a comerá por curiosidade, só perdoarei quem tem fome, aquela fome antiga dos pobres. (LISPECTOR, 2018, p. 135 e 136).

Além disso, a utilização de termos como “feroz”, “coma” e “vorazmente” fazem referência à fome e a sua extrema urgência. Na obra de Lispector, tais palavras podem ser associadas, obviamente, ao ato de comer, todavia, o caráter subjetivo do texto convida o leitor a pensar na existência de outros tipos de fome além da orgânica, que é essência da vida, como a de saberes, a emocional (ligada ao desejo) e a do outro – aquela que impele o homem ao convívio social, ao outro, que, como afirma Coracini (2007, p. 11), o marca, deixando rastros que transpassam de um ser ao seu correspondente.

Clarice Lispector volta a mencionar as várias “fomes” na crônica “Teosofia”, de 1969. Ao ser confrontada por um motorista de taxi, um senhor de cabelos brancos, com ar distinto e bonito, que lhe profetiza o fim dos tempos nos anos dois mil, a narradora entra em uma espiral de reflexões que a levam a concluir que o referido período, de fins de ciclos no mundo, já havia chegado. Para ela, o homem, em sua voracidade por controlar o tempo e submetê-lo às suas necessidades, acabou por ser devorado por ele. Suas considerações a conduzem, ainda, a refletir sobre o mundo moderno, bem como sobre os problemas nos quais se alicerçam a modernização da sociedade brasileira, sendo a fome - símbolo daquilo que é retrógrado e que, portanto, impele a humanidade ao atraso - o maior deles.

Ele disse que o nosso ciclo no mundo já acabou e não estamos preparados para esse fim, que o ano dois mil já chegou. Prestei atenção. Para mim também o ano dois mil é hoje. Sinto-me tão avançada, mesmo que não possa exprimi-lo, que estou em outro ciclo, mesmo que não possa exprimi-lo. Inclusive sinto-me muito além de escrever. (...) E o ano dois mil já chegou, mas não por causa de Marte: por causa da Terra mesmo, de nós, por nossa voracidade do tempo que nos come. Só em matéria de fome é que não estamos no ano dois mil. Mas há vários tipos de fome: estou falando de todas. E a fome, não de comida, é tanta que engolimos não sei quantos anos e ultrapassamos o dois mil (LISPECTOR, 2018, p. 265 e 266).

Como se vê, o escrito sugere que existem vários tipos de fome, não só a de alimento, revelando sua percepção de que o brasileiro não convive apenas com a falta de uma alimentação adequada, mas também com a escassez de outros

elementos que o tornam um ser carente e voraz, como a falta de conhecimento - que aparece intrinsecamente associada à falta de comida. Segundo Alves (2017, p. 128), “A subalternização de saberes impulsionada pelo projeto cultural moderno limitou a capacidade das pessoas no que se refere à compreensão de que o pouco que se tinha não era suficiente”. Dessa forma, as várias fomes estão interligadas, visto que a carência de uma, geralmente a fisiológica, provocará as demais.

Finalizando o estudo das crônicas de Lispector, destaca-se “Eu tomo conta do mundo”, de março de 1970, na qual Clarice Lispector traz uma narradora que afirma tomar conta do mundo, atividade que caracteriza como trabalhosa e que a mantém sempre ocupada. No texto, o ato de “tomar conta” aparece intrinsecamente ligado ao olhar, e é por meio dele que a narradora não só descobre o universo ao seu redor, mas também o revela para o leitor, obrigando-o a percebê-lo e senti-lo. Segundo Alves (2017, p. 36), “[...] expressões como ‘olho’, ‘presto atenção’, ‘observo’ e ‘tomo conta’, reforçam o sentido da percepção pelo olhar fazendo com que também o leitor perceba o mundo”, além de expor a preocupação e o comprometimento da narradora com aquilo que observa:

Sou uma pessoa muito ocupada: tomo conta do mundo. Todos os dias olho pelo terraço para o pedaço de praia com mar, e vejo às vezes que as espumas parecem mais brancas e que às vezes durante a noite as águas avançaram inquietas, vejo isso pela marca que as ondas deixaram na areia. Olho as amendoeiras de minha rua. Presto atenção se o céu de noite, antes de eu dormir e tomar conta do mundo em forma de sonho, se o céu de noite está estrelado e azul-marinho, porque em certas noites em vez de negro parece azul-marinho. O cosmos me dá muito trabalho, sobretudo porque vejo que Deus é o cosmos. Disso eu tomo conta com alguma relutância. Observo o menino de uns dez anos, vestido de trapos e macérrimo. Terá futura tuberculose, se é que já não a tem. No Jardim Botânico, então, eu fico exaurida, tenho que tomar conta com o olhar das mil plantas e árvores, e sobretudo das vitórias-régias (LISPECTOR, 2018, p. 281).

Nota-se que essa narradora examina as particularidades do mundo de uma posição específica, um terraço. O posicionamento da personagem a coloca em um ponto central e permite que ela enxergue as coisas de duas perspectivas distintas: ao dirigir seu olhar para o cosmos – associado a Deus – o conduz de baixo para cima, contemplando algo que parece ser superior a si mesma e aos demais elementos e seres que compõem o planeta, tanto é que demonstra certa relutância ao cuidar desse espaço, como se não se considerasse suficientemente capaz de cumprir satisfatoriamente tal incumbência; já ao olhar para os demais locais, faz isso

de uma posição mais elevada e, nesses casos, seu ponto de vista é o de alguém que olha para baixo, é assim que vê a praia, o mar, as amendoeiras da rua e, principalmente, o menino de uns dez anos.

A criança aparece como representação da fome, evidenciada pelo uso do superlativo absoluto sintético “macérrima”, que revela uma magreza causada pela constante falta de alimentação adequada, e por suas roupas que são trapos e, portanto, excessivamente usadas, demonstrando a falta de outras opções de vestimenta. Ao deter-se no menino, Lispector afirma que ele terá, se já não o tem, uma tuberculose – doença infecciosa que afeta, na maioria dos casos, os pulmões, provocando tosse, febre vespertina, sudorese, cansaço, fadiga e um emagrecimento evidente. Segundo San Pedro e Oliveira (2013), a carência alimentar pode ser considerada uma das variáveis socioeconômicas que podem contribuir para a incidência da tuberculose, assim como a pouca escolaridade, baixo rendimento monetário, alcoolismo, entre outros. Desse modo, ao associar a imagem da criança à doença, Clarice Lispector aproxima-a da fome e a usa como recurso estilístico para tentar representar a miséria e o desamparo.

No mesmo texto, a narradora, dando continuidade à sua atividade, lembra-se de uma mulher que viu na rua certa vez: “E lembro-me de um rosto terrivelmente inexpressível de uma mulher que vi na rua. Tomo conta dos milhares de favelados pelas encostas acima. Observo em mim mesma as mudanças de estação: eu claramente mudo com elas” (LISPECTOR, 2018, p. 282). A face sem expressão, sem vida, revela uma figura marcada – ou apagada - por uma existência de privações. Nesse ponto da narrativa, o olhar da narradora induz o leitor a vislumbrar, mesmo que rapidamente, “as encostas acima”, isto é, os morros onde nasceram e expandiram-se as favelas brasileiras. Nas décadas de 60 e 70, período em que Clarice Lispector escreveu suas crônicas, o Brasil vivia uma época de crescimento do êxodo rural e, consequentemente, de expansão dos centros urbanos, provocados pelo intenso processo de industrialização.

Todavia, o crescimento desigual e o aumento da desigualdade social motivaram o surgimento e, principalmente, a expansão desenfreada de assentamentos urbanos informais povoados por àqueles que se encontravam à margem. Assim, o país que Clarice Lispector enxergava nos anos 60 e 70 é o mesmo que a escritora Carolina Maria de Jesus tão bem relatou em seus diários,

mais tarde editados e publicados como livros, dos quais destaca-se *Quarto de Despejo: o diário de uma favelada*, de 1960, retrato da miséria e da fome que assolava – e assola – os despossuídos:

As vezes mudam algumas famílias para a favela, com crianças. No início são iducadas, amáveis. Dias depois usam o calão, são soezes e repugnantes. São diamantes que transformam em chumbo. Transformam-se em objetos que estavam na sala de visita e foram para o quarto de despejo.

...Para mim o mundo em vez de evoluir está retornando a primitividade. Quem não conhece a fome há de dizer: “Quem escreve isto é louco”. Mas quem passa fome há de dizer:

—Muito bem, Carolina. Os generos alimentícios deve ser ao alcance de todos.

Como é horrível ver um filho comer e perguntar: “Tem mais? Esta palavra “tem mais” fica oscilando dentro do cérebro de uma mãe que olha as panela e não tem mais. ...Quando um político diz nos seus discursos que está ao lado do povo, que visa incluir-se na política para melhorar as nossas condições de vida pedindo o nosso voto prometendo congelar os preços, já está ciente que abordando este grave problema ele vence nas urnas. Depois divorcia-se do povo. Olha o povo com os olhos semi-cerrados. Com um orgulho que fere a nossa sensibilidade.

...Quando cheguei do palácio que é a cidade os meus filhos vieram dizer-me que havia encontrado macarrão no lixo. E a comida era pouca, eu fiz um pouco do macarrão com feijão. E o meu filho João José disse-me:

—Pois é. A senhora disse-me que não ia mais comer as coisas do lixo.

Foi a primeira vez que vi a minha palavra falhar. Eu disse: —É que eu tinha fé no Kubstchek. —A senhora tinha fé e agora não tem mais?

—Não, meu filho. A democracia está perdendo os seus adeptos. No nosso paiz tudo está enfraquecendo. O dinheiro é fraco. A democracia é fraca e os políticos fraquíssimos. E tudo que está fraco, morre um dia.

...Os políticos sabem que eu sou poetisa. E que o poeta enfrenta a morte quando vê o seu povo oprimido (JESUS, 2019, p. 38 e 39).

No entanto, há uma indiscutível diferença entre os discursos de Jesus e Lispector: Carolina Maria de Jesus fala como alguém que viveu o cotidiano da favela do Canindé, em São Paulo, enquanto Clarice Lispector observa de fora e vê a fome no Brasil com o olhar, isto é, com os olhos de quem enxerga o problema e tenta, por meio da escrita, revelar para si e para o leitor essa realidade. Todavia, o discurso de Lispector, embora forte e carregado de significados, parece sempre deparar-se com a inevitabilidade do ponto de vista: ela não vivenciou a favela e as mazelas e, ao buscar a representação dessas personagens, percebe sua impossibilidade, haja vista que vê o mundo e é tão tocada por ele que muda, conforme afirma a narradora na frase: “Observo em mim mesma as mudanças de estação: eu claramente mudo com elas” (LISPECTOR, 2018, p.282) e continua:

Hão de me perguntar por que tomo conta do mundo: é que nasci assim, incumbida. E sou responsável por tudo o que existe, inclusive pelas guerras

e pelos crimes de lesa-corpo e lesa-alma. Sou inclusive responsável pelo Deus que está em constante cósmica evolução para melhor (LISPECTOR, 2018, p.282).

A questão reafirma não só o posicionamento na narradora como responsável pelo mundo, mas também o da própria Clarice Lispector como autora e passível de, através da escrita de seus textos e de seu olhar sobre o outro, torna-se capaz – ou pelo menos tentar – tomar para si a responsabilidade de enxergar o próximo e de dizer o que vê, fazendo da escrita uma forma de vingança contra as injustiças sociais, além de evidenciar sua clara responsabilidade sobre seus textos e sobre as personagens e espaços que cria.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As crônicas de Clarice Lispector, publicadas ao longo de seus anos como cronista, escancararam não só a relevância do tema, mas também a preocupação da autora com ele. O estudo dos dez textos selecionados possibilitou a identificação de alguns pontos importantes em relação à fome na obra da escritora, além de dimensionar o mérito dos escritos em associação aos demais trabalhos de Lispector.

A construção da fome nas crônicas de Clarice Lispector dá-se, principalmente, por meio do olhar. A narradora, que ocupa papel fundamental nos textos, olha o indivíduo faminto de fora e é mediante esse vislumbre que ela redireciona o leitor e o conduz a enxergar a situação visualizada. Na obra de Lispector, o “ver” e o “comer” coexistem e ocupam posição fundamental na relação do “eu” com o “outro”, já que expõem as injustiças sociais e revelam as mazelas de

um país construído em bases arcaicas, onde a desigualdade e a diferença entre classes estimulou o crescimento da extrema pobreza.

Dessa forma, ao presenciar fome, resignação e conformismo, as narradoras de Lispector, assim como ela própria, revoltam-se e fazem do texto escrito seu ato de vingança, ou um desesperado grito de denúncia. No entanto, a tentativa de representação da fome e do famélico sempre esbarra na impossibilidade de se representar a pobreza por meio das mãos de um intelectual ou por uma arte na qual aquele que está à margem não se vê representado, problemática que se desdobra na obra da autora, vide Rodrigo S. M., narrador de *A hora da estrela* que passa a maior parte de sua enunciação demonstrando a dificuldade de calibrar a linguagem para representar Macabéa.

Embora tenham sido escritas nas décadas de 60 e 70 e representem um importante panorama do contexto histórico-social do momento em que foram criadas – que, inegavelmente, incentivou Lispector a escrevê-las -, é na sua atualidade que reside sua real importância. Diante de um Brasil que ainda é assolado pela fome, as crônicas de Clarice Lispector permanecem relevantes, seja como ferramenta de denúncia, ato de revolta ou meio para a compreensão da questão da fome no país e na obra da escritora. Além disso, esses escritos representam uma considerável fonte para o estudo do trabalho da autora, possibilitando o desenvolvimento de inúmeras análises.

REFERÊNCIAS

ADAS, Melhem. **A fome: crise ou escândalo?** 2. ed. São Paulo: Moderna, 2004.

ALVES, Joyce. **Ao belo cabe prender o cisco:** a cronista *perceptora* na *parresía* de Clarice Lispector. Orientador: Almir Aquino Corrêa. 169 f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2017. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.uel.br/document/?view=vtls000217335>. Acesso em: 10 jan. 2021.

ARRIGUCCI Jr, Davi. Fragmentos sobre a crônica. In: _____. **Enigma e comentário**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. p. 51-66.

BANDEIRA, Manuel. **Poesia completa e prosa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1993.

CABRAL, Umberlândia. 10,3 milhões de pessoas moram em domicílios com insegurança alimentar grave. In: **Agência IBGE notícias**. [S. l.], 17 set. 2020.

Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/28903-10-3-milhoes-de-pessoas-moram-em-domicilios-com-inseguranca-alimentar-grave>. Acesso em: 19 fev. 2021.

CANDIDO, Antonio. No raiar de Clarice Lispector. *In*: _____. **Vários Escritos**. 1. ed. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1970. p. 123 -31.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. 5. ed. São Paulo: Editora Nacional, 1976.

CANDIDO, Antonio. A vida ao rés-do-chão. *In*: ANDRADE, Carlos Drummond et al. **Para gostar de ler**: crônicas. São Paulo: Ática, 2003. v. 5. p. 89-99.

CANDIDO, Antonio. A personagem do romance. *In*: CANDIDO, Antonio et al. **A personagem de ficção**. 13. ed. São Paulo: Perspectiva, 2014.

CASTRO, Josué de. **Geopolítica da fome**: ensaios sobre os problemas de alimentação do mundo. 4. ed. Urupês: São Paulo, 1957. v.1.

CARTRO, Josué de. **Geografia da fome**: o dilema brasileiro: pão ou aço. 11.ed. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2011.

CENTRO UNIVERSITÁRIO SAGRADO CORAÇÃO. Biblioteca Central Cor Jesu. **Guia para Normalização de Trabalhos Acadêmicos**. 9. ed. Bauru: USC, 2019. Disponível em: <https://unisagrado.edu.br/guia-de-normalizacao>. Acesso em: 30 ago. 2021.

CHONCHOL, Jacques. O modelo de alimentação dos países industrializados. *In*: MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Raízes da fome**. Petrópolis: Editora Vozes; Rio de Janeiro: Fase, 1985.

CIVILIZAÇÃO Brasileira. *In*: **Grupo Editorial Record**. Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: <https://www.record.com.br/editoras/civilizacao-brasileira/>. Acesso em: 31 jul. 2021.

CORACINI, M.J. **A celebração do outro**: arquivo, memória e identidade. Campinas: Mercado de Letras, 2007

COSTA, Gilberto. Analfabetismo resiste no Brasil e no mundo do século 21. *In*: **Agência Brasil**. [S. l.], 8 set. 2019. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2019-09/analfabetismo-resiste-no-brasil-e-no-mundo-do-seculo-21>. Acesso em: 10 ago. 2021.

DAMATTA, Roberto. **A casa & a rua**: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil. 5. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

FAO, FIDA, UNICEF, PMA y OMS. 2018. **El estado de la seguridad alimentaria y la nutrición en el mundo. Fomentando la resiliencia climática en aras de la seguridad alimentaria y la nutrición**. FAO, Roma. Disponível em: <http://www.fao.org/3/I9553ES/i9553es.pdf>. Acesso em: 5 fev. 2020.

FERRAZ, Denise de Sampaio. **Máquinas desejantes e presente histórico: as crônicas de Clarice Lispector**. 2010. 173 f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, 2010. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/106322>. Acesso em: 30 de jul. 2021.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & senzala**: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. 48. ed. São Paulo: Global editora, 2003.

GOTLIB, Nádya Battella. **Clarice**: Uma vida que se conta. 3. ed. São Paulo: Ática, 1995.

GOTLIB, Nádya Battella. A descoberta do mundo. *In*: **Cadernos de Literatura Brasileira**. n. 17 e 18. Instituto Moreira Salles, 2004. p. 8 – 43.

JESUS, Carolina Maria. **Quarto de despejo: diário de uma favelada**. São Paulo: Ática, 2014.

LISPECTOR, Clarice. **A hora da estrela**. 1. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2017.

LISPECTOR, Clarice. **Todas as crônicas**. 1.ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2018.

LISPECTOR, Clarice. **Todas as cartas**. 1. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2020.

MARTINS, Gilberto Figueiredo. **Estátuas Invisíveis**: experiência do espaço público na ficção de Clarice Lispector. São Paulo: Nankin: Edusp, 2010.

MOSER, Benjamin. **Clarice**, uma biografia. Trad. José Geraldo Couto.1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017. *E-book*.

PODCAST DA CLARICE: Outros escritos: um mergulho na vida e nos textos de Clarice Lispector. [Locução de]: Soares Júnior. Entrevistada: Nélida Piñon. [S.l]: Rocco, set. 2020. *Podcast*. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/46NQI927olZE1aHFJ9uryU>. Acesso em: 09 ago. 2021.

SÁ, Jorge de. **A crônica**. 4. ed. São Paulo: Ática, 1992.

SAN PEDRO, A. OLIVEIRA, RM. Tuberculose e indicadores socioeconômicos: revisão sistemática da literatura. **Rev Panam Salud Publica**. 2013; 33(4): 294–301. Disponível em: <https://www.scielosp.org/pdf/rpsp/2013.v33n4/294-301/pt> Acesso em 03 de ago. de 2021.

SIQUEIRA, Pablo Vinícius Dias. Filosofia irada: ensaio com a raiva de Clarice Lispector. **Muitas vozes**: Dossiê centenário de Clarice Lispector: vida, obra e recepção crítica, Ponta Grossa, v. 9, ed. 2, p. 469-482, 2020.

SOUZA. Lucas Marcelo Tomaz de. Abaixo a ditadura: movimentos sociais no Brasil em 1968. **Teoria e Cultura. Revista da Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFJF**. v. 13 n. 1 junho (2018): Interseções entre gênero, sexualidade e curso da

vida. p. 179 – 194. Disponível em:
<https://periodicos.ufjf.br/index.php/TeoriaeCultura/article/view/12393>. Acesso em 15
de ago. de 2021.

ANEXO A – Clarice Lispector na passeata dos Cem Mil



Fonte: GOTLIB, Nádía Battella. A descoberta do mundo. In: **Cadernos de Literatura Brasileira**. n. 17 e 18. Instituto Moreira Salles, 2004. p. 31.